

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 2030 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 2200 Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12300 Numero avulso... 2040	N.º 68	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

PROBLEMAS SOCIAES

Passou mais um dia 1 de maio, e de novo o operariado de todo o mundo, solidarizando-se e unindo fileiras, fez o balanço das suas forças e repetiu as suas reclamações.

É bem possível que a chamada manifestação dos *tres oitos* que economicamente poderá talvez ser considerada uma exigencia demasiado symetrica, ainda d'esta vez não logre traduzir-se em factos reaes e palpaveis, mas cremos que já ninguém se illude hoje sobre o que n'ella ha de symptomatico e de conclusente.

É, portanto, chegado o momento de fallar alto e claro a todos, especialmente aos que estão nas vespéras de um triumpho; e aquellos que em qualquer ponto da terra onde se encontrem não procurarem, pelos meios de que disponham, tornar extensiva a acção tutelar dos estados, e disciplinar a corrente desordenada do numero, fazem, alem de obra de egoismo, obra de imprevidencia, e serão fatal e inutilmente esmagados, sem aliás haverem conseguido com os seus corpos levantar um dique a essa invasão de nova especie que ameaça tudo subverter e decompor.

São, pois, de duas ordens os problemas que ha a estudar: ver até onde deve ir a influencia reparadora e benéfica de cada estado, e desarmar, tanto quanto possível, essas temiveis e assoladoras hordas que de envolta com sacratissimas exigencias de justiça se permitem já e se permitirão ainda mais amanhã insanias insustentaveis e propositos dissolventes e perturbadores de todas as leis economicas e de todos os laços sociaes.

Bem sabemos nós que os partidarios extremos das theorias socialistas nos podem de antemão responder, contestando-nos a validade d'essas leis e desdobrando e discutindo a importancia ou a existencia d'esses laços; mas ainda não será por essa forma que nos obrigarão a dar-lhes razão, poisque as leis a que nos referimos são aquellas que constituem o proprio fundo das sociedades humanas, não pertencendo exclusivamente a uma determinada escola orthodoxa ou não orthodoxa, e os laços são aquellos mesmos em virtude dos quaes elles poderão subsistir e impedir-se.

D'aqui a razão de ser de ambas essas forças, que são forças compensadoras e reguladoras de todos os movimentos e a necessidade de obedecer a ellas.

*

Para isso é mister que as corporações onde reside alguma parcella dos poderes do estado, convertam quanto antes em medidas equanimis e reaes todas as aspirações mais ou menos indeterminadas, que pela discussão pacifica entre os elementos a quem ellas interessam, se tenham destacado da ganga de utopias que reveste tantas d'ellas, e apresentem em conclusão um maximo de utilidade e um minimo de inconvenientes; — e é tambem mister que por sua vez o operariado se convença que não basta ser o numero para ser a justiça, que não se torna só preciso ter a força para ter tambem o direito.

São insuspeitas estas palavras, partindo de quem parte, alem do mais, porque aqui mesmo deixámos longamente expendida a nossa *sympathia* pelas reivindicações dos trabalhadores, e por quasi todos, se não todos, os mais bellos principios das escolas socialistas.

Depois esta nossa *sympathia* não é meramente platonica, porque em tudo em que com o exemplo temos podido ou sabido corroborar a não nos accusa a consciencia de o havermos esquecido.

Sómente, querem saber? cada vez nos convencemos mais que os antagonismos de classes e os odios e as suspeições dos sectarios de principios demasiado estreitos ou intransigentes baralham a atmosfera social, que precisa de ser serena para se avaliar a relativa justiça de cada questão formulada.

Depois — e este é para o nosso caso o ponto importante — desde que os problemas sociaes internacionalisando-se por um lado, por outro se particularisam tanto, que todos os paizes ainda os de mais forte industria, como a America, se tornam protectionistas, nós, no restricto campo nacional em que em ultima instancia temos de pôr a questão, não vemos grandes motivos para o operariado propriamente dito se queixar só.

Em primeiro lugar, digámol-o sem rancores improprios, mas tambem sem euphemismos inuteis, o trabalhador portuguez, que quando quer é de primeira ordem, raramente quer, e começando por des-

prezar os seus próprios interesses, prejudica algumas vezes os alheios, e tambem a miude se esquece de que aos direitos correspondem deveres. Depois, a ignorancia mais ou menos profunda em que se encontra n'algumas especialidades cohonesta-lhe as suas perniciosas tendencias para a rotina, para a apathia e para o desleixo, e não é caso singular ouvirmos-lhe attribuir a culpas alheias, o que nem sempre deixa de ser a sua propria culpa.

Alem d'isso, não existe entre nós, tão generalizado quanto seria para desejar, o orgulho bem entendido do trabalho, nem tambem são em numero tão avultado, como pareceria natural, os que levam o amor pela sua profissão ao ponto de sentirem desvanecimento pela obra que produzem e de lhe darem todos os cuidados da sua intelligencia e todos os recursos do seu saber.

Ao contrario, abundam, infelizmente de mais para o credito de algumas industrias, os maus productores, sem brio e sem competencia, e, o que é peor, não procurando adquirir-la, e deixando, em tudo quanto fazem, o triste sello da sua incuria, da sua má vontade e da sua imperfeição.

Não ignorámos que em parte é esta lamentavel inferioridade devida á falta de escolas industriaes e profissionaes, mas provém tambem em parte da ausencia de estimulo individual, d'esse estimulo que leva cada um de nós a procurar attingir a perfeição n'aquillo que faz, e que é a caracteristica de todos os que sentem o verdadeiro amor da sua profissão.

Causa-nos tanta mais magua este facto, que aliás temos tido ensejo de verificar em mais de um ramo, quanto por outro lado é certo que talvez, como já o escrevia o grande Garrett, não haja relativamente um tão notavel conjunto de aptidões e de talento, como aqui; e a prova está em que nas industrias em que uma preparação mais completa ou uma cultura anterior mais cuidada permitiram ao pessoal a posse de elementos de critica e de estudo, nenhum receio de confrontação com os artigos estrangeiros podem ter os nacionaes, alguns havendo até que chegam a avantajarse aos de fóra.

Ora porque isto é assim, e porque mesmo as causas de ordem superior, que determinam a pobreza de instrumentos com que em muitas industrias os nossos operarios se apresentam apercebidos para a produção e para a concorrência, deveriam em parte ser por elles próprios combatidas ou eliminadas, conseguindo pela união e pela convergencia dos seus esforços arrancar ao estado os elementos de que carecessem, e impondo-se a elle pela sua força disciplinada na justiça e no bom senso, porque isto é assim, é que nós dizemos e sustentámos que se até certo ponto a obra da regeneração das nossas industrias tem de ser fecundada e promovida pela acção official, ella deverá cumulativamente ser a obra dos proprios operarios, associados e fortalecidos com a energia que a consciencia dá a todas as idéas verdadeiramente uteis e sensatas.

O que acima escrevemos não desmente de modo algum nem os principios que professámos nem o que temos avançado sobre a necessidade da intervenção

do estado, quanto ao nosso caso, na regulamentação e desenvolvimento da industria nacional, como tambem não significa menos respeito pelas reclamações que em toda a parte o trabalho hoje faz ao capital.

Mas procurando antes de tudo ser logicos e ser coherentes, entendemos que é uma obrigação de honra lembrar a todos os que têm reclamações a formular a conveniencia tão salutar e tão pacificadora de obedecerem igualmente á coherencia e á logica, não subcrevendo inscientemente ou acintosamente propostas irritantes ou inexequivéis.

Aos que ao presente estão de cima observámos apenas que nas suas mãos está — pelo menos emquanto durar este estado da civilização em que nos encontrámos — terem por seu lado a melhor de todas as forças, a da razão: basta que sejam sempre justos, serenos e generosos.

E uns e outros, e todos emfim, precisámos em geral de nós convencer que n'esta hora alta a que vamos, não ha classes fechadas, pois todas se devem deixar penetrar dos principios de solidariedade, de amor e de tolerancia, que são a suprema consagração da sciencia e da bondade humana, infiltrando-se nos homens e até nas cousas; que ninguem ha inutil na sociedade desde que sinceramente deseje e procure o bem, e que, se conforme as bellas palavras do cardeal Manning «um só homem pôde durante a sua vida melhorar a sorte de 2.500:000 pessoas, graças ás leis sobre o trabalho das mulheres e das creanças nas fabricas e em todas as industrias», qualquer de nós pôde tambem contribuir com o seu esforço, com a sua boa vontade e com a sua catechese para a realisacão de alguma d'essas bellas e luminosas idealisações de felicidade e de concordia que, chimeras ou não, têm a sua parte de realisavel, e podem ainda espalhar na terra torrentes de alegria e de luz, pelo menos emquanto este nosso frio planeta se não afunda de vez na eterna sombra...

AFFONSO VARGAS.

MEDICINA DO ESPIRITO

II

Unicamente apresentámos aqui um quadro geral das differenças notaveis que a idade proporciona ao espirito. Não será menos curioso este quadro, se o emoldurarmos de caprichosos rendilhados.

Lancemos uma vista de olhos sobre os auctores que mais de perto conhecemos. A *Odissea*, que é o segundo poema de Homero, tem menos força que a *Illíada*. Um, é fructo da juventude, ou, para melhor dizer, de uma idade ainda vigorosa. O outro foi composto quando a senectude se approximava. A continuação das peças de Pedro Corneille demonstra o que naturalmente deve acontecer a um homem de talento, que trabalha quasi até ao occaso da vida. No começo são as suas obras fracas e imperfeitas, porém dignas de apreço; na sua prosequição eleva-se, tanto quanto o seu talento lh'o permite¹, mas por

¹ Veja-se a *biographia* de Pedro Corneille, por M. de Fontenelle.

ultimo esse talento enfraquece, extingue-se a pouco e pouco, e apenas consegue brilhar por momentos.

As primeiras comédias de Molière em cousa alguma se podem comparar com as que mais tarde elle escreveu, depois de ter estudado o gosto do publico, e analysado com vantagem o coração humano.

É verdade que estas alternativas da intelligencia tornam-se mais pronunciadas nas pessoas que se dedicam ás obras de imaginação, do que n'aquellas que se applicam a um trabalho que só demanda raciocinio. Basta citar um exemplo. Plotin, philosopho platónico, que floresceu no III seculo, era um espirito muito acima do commum dos philosophos, e no qual se notavam idéas de uma grande singularidade. Envergonhava-se de que o seu espirito tivesse por envolver um tal corpo, ao contrario de Porphyro, seu discipulo, que escreveu a sua vida, o qual, fallando das suas obras, diz que as primeiras e as ultimas que compoz são muito inferiores a todas as outras. Nota-se nas primeiras um estylo que ainda não attingiu toda a sua vitalidade, entretanto que nas ultimas esse estylo se manifesta, e toca um grau de sublimidade inimitavel. Tanto é verdade, geralmente fallando, que o espirito experimenta as mesmas variantes que o corpo.

Domitius Afer, celebre orador e contemporaneo de Tiberio, perdeu muito da sua gloria e do seu renome quando tentou advogar em idade avançada; e pouco faltou que aquelle que, pela sua eloquencia, occupou o primeiro logar na tribuna forense, não passasse por um maniaco.

Não ignorámos que em diversas idades se têm observado phenomenos que se afastam da ordem natural. Isto, porém, não é regra geral. E por isso que vemos Hermogene de Tarse professor de rhetorica aos quinze annos¹, auctor aos dezoito, e esquecer aos vinte e quatro tudo o que tinha estudado. É d'elle que Anthioco, o sophista, disse que tinha sido velho na juventude e creança na velhice. Que prodigio não foi o joven Sylvio Antoniano², que admiração, não excitou Abo Ali, filho de Sina, que nós chamámos por corrupção Avicenna³, João Pico de Miranda⁴, Theodoro de Beze, João Baptista Lalli, Hugo Grotius, Claudio Saumaise, Blaise Pascal, Henrique Heinecken, Juliana Morel, e muitos outros, os quaes se devem antes considerar como fogos fatuos e passageiros, que se vêem brilhar no espaço em noite serena, do que como astros brilhantes, que só cessarão de alumiar o mundo quando elle for aniquilado.

Se estudarmos a ultima phase da vida, vemos homems, apesar da sua idade avançada, conservar todo o vigor do seu espirito. Platão ainda escrevia na

idade de oitenta annos. Isocrates contava noventa e quatro quando concluiu a sua oração panathenaica; e quando escreveu uma oração que intitulou *Panegyrico*, attingia a idade de noventa e seis annos.

Varrão, no seu livro das *occupações rusticas*, diz que começou a compor esta obra depois de ter completado oitenta annos. Sophocles contava mais idade do que todos estes auctores. Compunha elle a sua tragedia do *Oedipo*, quando foi citado a fim de lhe ser intimada interdicção, em consequencia da sua idade; pois o notavel philosopho, para sua defeza, apenas fez a leitura do primeiro côro da sua tragedia, que elle acabou de terminar, sendo absolvido e conduzido em triumpho a sua casa. Theophrasto empreendeu tratar de todas as virtudes e de todos os vícios quando contava noventa e nove annos. Tivemos apenas o principio d'esta grande obra, sob o titulo de *Caracteres*, obra apreciabilissima, a qual alcançou o appellido de *Livro de ouro*.

(Continúa)

Trad. de P. J. Cozerção.

LATINO COELHO

Estranho e singular homem este que em si reunia tantas aptidões, tão diversos talentos, tanta e tão profunda copia de erudição, e que no entanto morre sem haver deixado impresso no caminho que percorreu um largo sulco inconfundivel e inapagavel!

Estranho e singular homem, e ainda mais estranho e singular meio aquelle em que taes phenomenos se dão!

Ahi têm uma intelligencia armada com todos os apparelhos que pôde ministrar o saber, fornecida de todos os instrumentos de observação e de critica, que este maravilhoso seculo descobriu e multiplicou, fallando ou pelo menos conhecendo nove ou dez linguas, possuindo a chimica, a physica, a botanica, a mineralogia, a linguistica, a philosophia, a historia, senhor de um fidalgo e maravilhoso estylo, como poucos escreveram d'antes, como raros já escrevem hoje, tendo o amor da forma e burilando phrases com o entusiasmo de um lavrante eximio, deliciando-se com os mais altos problemas da mathematica e da astronomia, pairando n'um vôo d'azas, sempre brancas e sempre illuminadas, pela politica e pelo jornalismo; e no entretanto, apesar d'isto tudo, ou talvez por isto tudo, deixando da sua passagem pelas regiões da civilisação portugueza nos ultimos cincoenta annos um rastro bem pouco fundo e um claro bem pouco forte!

Vão já dizer que é uma profunda injustiça isto, praticada para com o inolvidavel auctor do *Elogio de Humboldt*, para com o erudito translator e commentador da *Oração da corôa*.

Vão já citar-me os seus volumes da *Historia militar* e os seus trabalhos sobre Camões e Vasco da Gama; mas — Santo Deus que me ouvis! — eu não pretendo nem amesquinhar esse grande espirito, nem reduzir a sua obra! Seria sobremodo ridiculo e claramente imbecil.

Sómente o que procuro é fixar bem as linhas que avultam n'esta curiosa individualidade, — curiosa e extraordinaria, — e d'ahi concluir com magua que

¹ Tratado historico das creanças celebres por seus estudos ou por seus escriptos, por Adriano Baillet. Por sua morte viu-se que elle tinha o coração cabelludo, e de uma grandeza prodigiosa.

² Na idade de dez annos compunha versos sobre todos os assumptos, que só poderiam ser compostos por individuos de superior instrucção. Ainda que de baixo nascimento, chegou a ser cardeal, e falleceu de sessenta e tres annos.

³ Na idade de dez annos sabia o Alcorão e a maior parte do que nós hoje chamámos humanidades.

⁴ Não contava ainda dezoito annos quando compoz um resumo das *Decretaes*, e um tratado a que deu o nome de *Hep-taple*. Falleceu de trinta e dois annos.

aquella soberba e privilegiada cabeça faltava, todavia, alguma cellula subsidiaria ou complementar, que lhe permittisse subir dos seus innumerables e vastos conhecimentos para as largas e fecundas generalisações, para as superiores e luminosas syntheses, que accentuam uma personalidade na obra commum da sciencia e do progresso humanos, e que definitivamente marcam na civilisação uma data ou um marco.

Ora de Latino Coelho não pôde, em consciencia, dizer-se plenamente isto.

Elle não foi nem um philosopho, nem um historiador, nem um homem de investigação scientifica, nem um sociologo de profunda acção no seu meio.

Sabio, immensamente opulento de sciencia em geral, e dos varios agrupamentos em que ella se subdivide, faltou-lhe porventura o nexu ideal e incoercível que a todos os liga e os integra n'uma concepção una e harmonica, e que de todos recebendo um clarão guiador, a todos transmite depois uma nova luz vivificante e inextinguível.

Elle foi, segundo a classificação de Wecktiniakoff, um *polytypico*, mas não foi um philosopho, isto é, viu todas as cousas, soube tudo o que é possível saber-se, e que a intelligencia humana pôde comportar; mas o seu espirito, ou porque elle para ahi o não encaminhou, ou porque a sua idiopathia especial lh'o impediu, não se evidenciou jamais n'algum d'esses conflictos de idéas em que o cerebro é levado a extrahir do conjunto dos phenomenos as leis que os explicam ou os determinam.

E por isso que sendo Latino Coelho tão grande dentro dos limites do *meio portuguez*, devendo-lhe tanto a litteratura e a historia nacionaes, no ponto de vista do trabalho, da investigação ou do descobrimento, em filões nossos, não atinge, infelizmente para Portugal, uma altura similhante quando saímos do ambito mais ou menos estreito das fronteiras proprias, e nos librâmos ao mundo vasto e vario, pairando no ar sem limites da sciencia e da civilisação geraes...

Por isso tambem a sua perda, que é realmente grande, que é para nós irremediavel sob varios aspectos, não representa, comtudo, nem para esse proprio meio portuguez, nem para o progresso commum, uma d'essas lacunas impreenchiveis, uma d'essas soluções de continuidade social e historica, que para sempre desequilibram o edificio do saber humano.

Ora, quanto a mim, seria talvez preferivel que o grande escriptor houvesse em dados assumptos sabido menos, para que as suas altas e aliás poderosas faculdades lhe permittissem haver n'outros trabalho mais.

Infelizmente, o homem, pequeno mundo, como lhe chamava Herder, é como est'outro em que elle se agita, condicionado por tantos e tão complexos motivos, batido por tantas e tão variadas forças, que naturalmente Latino Coelho, se não foi o que todos nós, e talvez elle mesmo, desejariamos que fosse, é porque a isso obstavam os elementos insitos a que todos obedecemos, e que fazem que cada um seja apenas aquillo para que o seu *feito* o talhou, e não aquillo que ás vezes imaginou ou anhelou ser.

Como, porém, todas as cousas têm, de envolta com o seu lado mau ou incompleto, o seu aspecto bom ou a sua vantagem compensadora, Latino Coelho, se não foi um continuador de Herculano, por exemplo, se não foi mesmo o mais original escriptor e estylista depois de Garrett, poisque para isso era preciso não haver existido Camillo, se tambem não foi um trabalhador experimental que fizesse avançar a sciencia e progredir qualquer dos multiplices ramos em que ella se subdivide, foi subretudo, foi especialmente um perfeito e completo *academico*, na expressão mais ampla e mais justa do termo.

Ninguem como elle soube ter a phrase propria e o elogio justo, ninguem como elle reunia um tão complexo e inestimavel conjunto de qualidades e de predicados para mais cabal e brilhantemente responder ao que de um academico se pôde exigir, e ninguem como elle tinha essa extensa e variada cultura que lhe permittia a um tempo accusar, commentando-a, a recepção de uma monographia russa sob um ponto particular de medicina, responder a uma objecção ou a uma pergunta sobre um assumpto de litteratura ou de historia, resolver um problema de astronomia ou de mechanica, disrecretar em mathematica ou em politica, e finalmente, interpretar até um texto de theologia ou de jurisprudencia.

Sobre isto possuia ainda a facultade, indispensavel n'um psychologista, que aliás não era, de se introduzir de tal fórma no espirito dos assumptos que tratava, que se, por exemplo, estudando um facto ou uma individualidade tinha de transcrever os textos dos escriptores coevos, de os extractar ou de os desenvolver, se em summa precisava, para a natureza do seu trabalho, internar-se n'uma dada epocha, tomava-lhe tão vivamente o feito e os contornos, que ás vezes a leitura nós já não sabiamos onde começava elle, e onde acabava a citação.

Vê-seisso claramente nos seus trabalhos sobre Vasco da Gama e Camões, onde ha paginas e paginas que têm o sabor, a fórma, e até o fundo dos classicos ou não classicos, que nos apresentava ou a que precisava socorrer-se, e ainda em um ou outro escripto disperso.

A sua psychologia, porém, era, se se nos permite a expressão, uma psychologia *a frio*, e nos seus periodos, de ordinario tão bem trabalhados com a pena, tão transparentes pela idéa, e tão magestosos e roçagantes pela phrase, estylo de grande gala sempre, e tantas vezes recamado de labores manuelinos, raro palpitava ou transparecia um arranque sequer d'esse bello vigor sanguineo, expansivo e quente, desigual mas rubro, que é o encanto e a força de outros escriptores, incomparavelmente menos dotados que o illustre academico.

Mas ainda aqui, ou porque a sua idiosyncrasia e a sua natureza não lhe permittissem taes arranques, ou porque á sua educação classica repugnassem, a academia porventura ganha, embora houvesse quanto mais não seja perdido a Arte, porque se o erudito estylista não conseguiu realmente entusiasmar ou aquecer os *novos*, em compensação logrou harmonisar em si todas as correntes, e formou com vantagem o verdadeiro *temperamento academico*.

Esse temperamento, porém, só vive talvez com a sua *temperatura*, e portanto explica-se porque é que

debalde nós procuravamos ás vezes nos seus trabalhos o estremecimento humano ou, ao menos, a vibração pessoal.

A sua serenidade de erudito vedava-lhe estes desequilíbrios, que se têm innegavelmente invejáveis encantos e deslumbrantes fulgurações que os resgatam de todas as maculas, também ás vezes deixam ver fragmentos de ganga e pedaços de vasa...

Latino Coelho não teve os primeiros, mas felizmente nem de longe conheceu ou nos mostrou os segundos.

E no emtanto, poisque havia deslizado na politica, era natural que não houvesse podido fugir a esse

No estado de embotamento crasso e de obcecação intellectual a que chegou *toda* a nossa atmosphaera politicante, a presença d'este escriptor erudito e fino, burilando phrases emquanto os outros procuravam deslombiar arcabouços, não era precisamente um perigo — senão para elle.

Por isso também quer-me parecer que nas poucas sessões da academia a que porventura ainda serviu de secretario ao sr. D. Carlos, este soberano não lhe apertou de certo a mão com má vontade, porque sem duvida percebeu logo que não estava ali um bebedor do sangue dos tyrannos — nem mesmo de qualquer outro sangue.



declive fatal; mas fugiu, e é talvez por isso que apesar de na monarchia haver sido ministro, e no partido republicano haver sido jornalista, nunca contra elle se desencadeou tremenda a tempestade dos doestos ou dos aleives, porque nunca elle também descalçou as luvas ou arregaçou as mangas para fallar nas camaras ou escrever os seus artigos.

Com respeito a estes, mesmo, elles eram de ordinario tão politicamente anodynos quanto á idéa e tão impeccavelmente litterarios quanto á fôrma, que me quer parecer que a sua catechese não poderia produzir grandes destroços nos arraiaes contrarios, por ser polida e ceremoniosa de mais.

Na politica, pois, elle foi sempre o que foi durante tão largos annos na escola polytechnica: — um lente substituto. N'esta, só muito recentemente chegou a reger cadeira; n'aquella, se a reger, creio que não deram por isso nem os outros, — nem elle.

Foi uma figura decorativa, disseram já; pôde ser: mas mesmo n'esse papel *decorando* pouco, pouquissimo.

Tal era quanto a mim o bello espirito que se apagou ha pouco, e que se não brilhou como uma luz intensissima no céu immenso das grandes constella-

ções universaes, refulgiu sem intermittencias e sem maculas no horizonte portuguez, deixando ao sumir-se n'elle como que um doce e suave clarão que a saudade ha de alimentar por muito tempo, e fazendo nas fileiras tão rareadas dos simples, dos bons e dos honestos uma insubstituivel falta, e na pequena ala dos trabalhadores portuguezes um vacuo que não se cumulará tão depressa—que porventura não se cumulará nunca.

Desambicioso, quando tantos pigmeus se insufflam para apparentar de gigantes, modesto quando tantissimos fazem uma atoadra medonha para escalarem o mais insignificante combro; democrata, quando as tendencias do seu espirito, as influções do meio em que vivia e a culminancia serena que se encontrava o podiam embriagar com os fumos de uma vaidade, que por ser ridicula, sobretudo nos sabios, nem por isso deixa de existir, Latino Coelho, se não é pela rigidez bronzea da sua obra scientifica e litteraria um d'esses cerebros-forças, em que por momentos se encarna um aspecto da civilisação ou uma fôrma do progresso, nem tão pouco um forte e rico sementeiro de idéas novas e de principios originaes, é, pela ampla cultura da sua intelligencia, pela nobre generosidade do seu animo, pela propaganda serena e pacificadora da sua penna, e pelo exemplo fortificante e alto da sua vida de benedictino das letras, um exemplo aos novos e um memento aos velhos.

Tal, pelo menos, o encaro eu, e escrevendo estas linhas a acompanhar-lhe o retrato, sinto na minha consciencia o estimulo sympathico de um dever cumprido, e a consolação dulcissima de sempre o haver respeitado como um infatigavel trabalhador que mais cedo começára a sua tarefa na vida, e que dormindo agora na morte o seu ultimo somno, tem a certeza de que ganhou o direito a ser amado, e sobretudo a não ser esquecido.

AFONSO VARGAS.

HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

Fôra assim:

N'aquelle dia o armazem não abria. Uma festa qualquer determinára um feriado geral nas secretarias, nas fabricas e no commercio, e Thomé fôra tambem para a rua cedo, para ver desfilar o prestito. Tratava-se de um prestito.

N'isto, uma bella cabeça de velho, um d'estes typos inconfundiveis e originaes, que uma vez fixados nunca mais esquecem, destacára d'entre uma sebe de cabeças communs, e por assim dizer impozera-se-lhe vivamente á sua admiração.

Nem elle sabia explicar, mas parecia-lhe que já tinha visto algures uma cabeça igual. E fazia esforços para se recordar onde. Dominado por uma idéa fixa e instintivamente quasi, tirou da algibeira um lapis e começou a desenhar. A principio parecia que o lapis seguia no papel independentemente da sua vontade, como uma força automatica e mechanica; um compheheiro exclamou do lado:—mas é o velho sem tirar nem pôr. E então o Thomé, como que tornado a si, confirmou espontaneo:

—É verdade! Parece que não está de todo mau! E admirado elle d'essa tendencia nova que em si

descobria, insistiu com o compheheiro, como quem precisava certificar-se ao seu espirito e aos seus olhos:

—Mas olha lá, falla com franqueza, dá realmente idéas do velho, pois não dá?

—Mas se eu já te disse que é elle por uma penna, confirmou o interrogado, e concluiu á maneira de cumprimento:

—Já que descobriste essa prenda, has de fazer o meu retrato amanhã lá no armazem, valeu?

—Pois valeu, rematou o Thomé.

Depois, sentindo naturalmente um certo desvanecimento intimo, d'ali a instantes procurava retratar, de outro grupo que passava, um rapaz escanelado e louro que levava um estandarte ou o que quer que era: mas, com tristeza o via, não fôra tão feliz.

O proprio compheheiro fôra obrigado a concordar —que não estava tão bom— mas, que diabo, isso p'los modos succedia até aos mestres.

Do seu professor de desenho se lembrava ter elle visto um retrato do director do collegio em que o homem leccionava, que se parecia tanto com elle como um ovo com um espeto, e mais era professor; portanto não desanimasse.

O Thomé ficou lisonjeado com o confronto, e confessou a D. Florinda, que assim se chamava a viuva, que n'aquelle mesmo dia quando recolheu ao quarto começou a desenhar caras—de pessoas que lhe lembravam.

Foi até no meio de um d'esses desenhos que lhe veio á memoria a cabeça com quem se parecia a do velho que tinha visto de dia —era a de um santo de uma igreja perto da sua aldeia— uma especie de propheta ou cousa parecida, se bem se recordava do que por lá ouvira dizer.

Tudo isto o Thomé contára com um ar desprezencioso e natural, e como via que não o interrompiam, proseguiu ainda.

Fizera effectivamente o retrato do compheheiro, e não só d'esse como os de todos os outros, e por fim até desenhára um jardim e a casaria que ficava ao fundo—mas n'isso, dizia pezaroso, atrapalhava-se muito.

Os diversos planos faziam-lhe uma confusão que não podéra vencer, apesar de haver depois começado a aprender desenho, a serio, e sobretudo quando queria desenhar figuras —por exemplo, especialisava— um homem que uma vez andava no jardim e que até por signal trazia consigo um cão bem bonito,—ficava-lhe tudo confuso e do mesmo tamanho...

D. Florinda não podéra deixar de rir com este ultimo episodio, e perguntou-lhe entre uma gargalhada e uma amabilidade:

—O quê? tudo? até o cão?

—Mas logo a seguir com medo de o susceptibilisar, asseverou-lhe que esse era o defeito natural de todos os principiantes, e quantas vezes até dos que o não eram.

E citou-lhe para o animar casos de quadros—até de mestres.

Não desanimasse por isso, e fosse desenhando, fosse desenhando sempre. Quem sabe, pôde ser que estivesse ali um futuro pintor.

Seu marido —que Deus tinha— contava-lhe a historia de um grande artista da antiguidade, parece

que italiano, que tendo andado a guardar cabras fôra depois muito celebre, estando os seus quadros hoje nos melhores museus, e valendo p'los modos muitos centos de contos. Tinha pena de não lhe lembrar o nome, mas lá que era pintor isso era.

O Thomé ouvia-a embebido, n'uma especie de admiração extática, e os seus olhares illuminavam-se com um fogo sobre cujo motivo D. Florinda a principio se enganou.

Depois, como esses olhares pareciam demorar-se demasiado sobre o seu rosto, percebeu, sentindo-se secretamente lisonjeada, que não fôra tanto a historia em si que despertára aquella curiosidade do Thomé, mas ella propria — e emfim não pôde deixar de córar levemente — como era de rigor.

(Continúa)

ASSUMPTOS VARIOS

Infeliz do homem, que uma vez transgír com a sua consciencia; que uma vez falte á verdade: esse irá muito longe no caminho da perdição, e sem ao menos reparar n'isso!

— O destino do homem sobre a terra, é o trabalho; o seu dever, a moderação; a sua justiça, a tolerancia e a moderação; a sua felicidade, a mediocridade; a sua gloria, a virtude; e a sua recompensa, a satisfação de uma boa consciencia. (*Alguns fructos da intelligencia e da experiencia*, offerecidos á mocidade portugueza por J. S. Ribeiro.)

Do mesmo abaladoo escriptor:

O homem que ama o trabalho, e n'elle emprega as suas forças e actividade, não tem occasião nem tempo para pensar nos meios de satisfazer appetites desordenados; a sua imaginação está reprimida e enfreada; não scisma em lisonjear paixões fogosas; não deixa vaguear o espirito pelas regiões phantasticas. A sua paixão mais forte é a do entretenimento honesto, ao qual se habitua irresistivelmente, do qual não pôde desprender-se, e no qual vem a encontrar encantos e consolações. A sua officina, o seu laboratorio, o seu gabinete, o seu jardim, os seus campos... são todo o seu universo; e a innocencia, e a tranquillidade do animo são as suas companheiras inseparaveis.

O habito virtuoso do trabalho subtrah-o ás tentações seductoras do vicio, cria-lhe uma nova natureza, e nem sequer lhe deixa apparecer a menor idéa do crime, ao qual tem horror. Na atmospherá de paz, de ordem e de regularidade em que vive o homem que ama o trabalho, não respira elle senão sentimentos brandos, suaves, benevolos; n'aquelle ambiente não entra o ar empestado dos odios, das malquerenças, das invejas, ou de quantos ruins impulsos é capaz a perversidade humana.

O homem que se dedica ao trabalho, raramente vê ante si a mirrada e temerosa face da miseria; e se, uma ou outra vez, assoma no seu limiar aquelle medonho espectro, não tarda em afugental-o para longe, redobrando de esforços para chamar á sua morada a abundancia, o conforto e o contentamento. *A fome, dizia Franklin, espreita á porta do homem laborioso, mas não se atreve a entrar-lhe em casa.*

O homem que se dedica ao trabalho não tem a dura e penosa necessidade de ser pesado aos seus semelhantes; não soffre o vexame de contrahir dividas, que tanto opprimem o coração do homem brioso, e tamanha quebra de dignidade occasionam, em presença de credores inexoraveis.

O homem que se dedica ao trabalho não se humilha, nem arrasta pela terra mendigando esmola, solicitando importuno a caridade publica ou aveugado com solicitações fastidiosas os que passam. *La Providence ne manque qu'aux oisifs*, diz um escriptor francez de grande nomeada.

O sr. Silveira da Motta, benemerito socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa, applaudido auctor de varios escriptos de correctissima e elegante critica litteraria — em as suas *Viagens na Galliza* revela o seu grande amor á solidão nos seguintes termos:

Bem dita solidão, como eu te quero! És austera e melancolica, és não raro ameaçadora e terrivel, mas convidas á meditação, á benignidade, aos sonhos feiticeros nos inexauriveis dominios da sciencia e da arte. A sociedade é necessaria á vida e ao progresso, mas é lucta fatigante e interminavel, cuja barbaria primitiva a custo se disfarça com mentiras convencionaes e illogicas. O individuo que não se refugia por algum tempo no seio da natureza, ha de ter sempre n'uma das mãos o instrumento do seu labor, na outra a arma de peleja contra os emulos, e ou cae e é espesinhado pela turba odienta e feroz, ou vence e vê logo crescer o numero dos inimigos, e já não sabe que fará da victoria, e não alcança sequer assomos de felicidade. Por isso o ermo attrahe e seduz, dá animo e energia para as fadigas, mitiga e esvaece as amarguras da existencia.

Fugir dos homens não é sempre misanthropia; ás vezes é só o empenho de lhes bemquerer.

A oratoria é rainha das artes, o orador rei dos artistas.

A oratoria é a arte soberana; o seu imperio é o mundo, o seu sceptro a palavra — a palavra, que não só domina o mundo, mas creou o mundo; porque para haver mundo houve palavra.

A palavra concretisa o pensamento, corporisa a idéa, traslada a natureza, compendia o universo. Tem claridade celeste e profundidade oceanica, é mais leve que o ar e mais irriada que a mariposa, é tão diaphana como a gaze e tão sonante como o bronze, cicia como a aura e estrondeia como o trovão, murmura como o arroio e rugue como a tormenta, prende como o iman e fulmina como o raio, corta como a espada e contunde como a clava, photographa como o sol e acadinha como o fogo; quasi se confunde com o espirito, com a luz, com o calor.

... E quão donosas as graças do dizer! Quão admiraveis os prestigios da palavra! Ella ostenta a magestade da architectura, o relêvo da esculptura, o colorido da pintura, a harmonia da musica, o rhythmmo da poesia; e, sobre taes predicamentos, sobre tantas e tamanhas opulencias, accende pela concionatoria, accende e faz circular singularmente a paixão, o

entusiasmo, a vida. O orador planeja como architecto, cinzela como estatuário, matiza como pintor, canta como musico, phantasia como poeta, pensa como philosopho, argumenta como dialectico, batalha como guerreiro, representa como actor, adestrar-se como gymnasta, abalisa-se como moralista e abnega-se como apostolo. Sob a tribuna, a cathedra, ao pulpito; falla, galvanisa, arrebatada; incarna no seu verbo toda a sua alma, e funde n'esta alma toda uma assembléa: chama-se Demosthenes, Eschines, Hortensio, Cicero, Chrysostomo, Bossuet, Vieira, Mirabeau, Castelar, José Estevão e Fontes. (*Discurso nas solemmissimas exequias de Fontes*, — Alves Mendes.)

... O mundo fez-se assim. Dos risos são companheiras as lagrimas. Vestem-se hoje as galas da mocidade, e já amanhã se trajam os crepes da morte. A vida, uma taça de vidro, estala, quebra, desfaz-se com a maxima facilidade... (*Viagens*, Diogo de Macedo.)

J. A. DIAS.

CHRONICAS VULGARES

NOTAS PARDAS

... Continuarei fallando-lhes de Silva Porto. Que elle me desculpe se o melindrar, mas julgo inutil asseverar-lhe que é sincera a minha estima pelo homem e a minha admiração pelo pintor. Sómente, este ultimo devo confessar que me deixa muitas vezes desconcertado e frio, e que não conseguia dar-me a impressão que eu aliás tenho o direito a esperar d'elle.

Assim, por exemplo, n'esta propria exposição de que lhes venho fallando, o seu quadro *A porta da vendida*, que evidentemente visava a ser um quadro typico, não arrancou ao meu espirito senão uma bem fraca faísca de enthusiasmo, e a temperatura em que elle me deixou, com magua o confesso, estava — ali de mim — bem longe de attingar ao rubro...

Por ató o artista saber todo o meu pensamento? Que não tecnicamente me pareceu um primor e, não sei porquê, tria asseverar que mesmo *como pintura* lhe faltava o que quer que era...

De resto a tela era fria, e ou Silva Porto não *sentiu* o seu assumpto, ou preoccupado por suggestões de outra ordem não lhe deu o cuidado que elle exigia e o acabou enfadado e á pressa...

Ora quando se tem o nome do illustre paizagista, quando se é professor de uma escola, chefe de uma coherde, educador, n'uma certa *maneira*, de espiritos novos que do seu pincel recebem a revelação da Arte, finalmente quando se é mestre, sem favor e sem discordancia, ha obrigações religiosas a cumprir, e faltar a ellas é amesquinhar a sympathica linha do seu perfil, dando-lhe o feitiço rombo e vulgar dos simples fazedores sem originalidade e sem valor...

Pintar um só bocado de tela que não seja a expressão plena e sentida d'aquillo que o artista deseja evocar á vista, pela cor e pela verdade, pode ser e é talvez lucrativo, mas quasi não chega a ser digno, e parece-se extraordinariamente com fazer industria em vez de fazer arte...

Não quero dizer que este seja absolutamente o caso de Silva Porto, mas se o illustre pintor se não salvar da tendencia que ultimamente se me affigura ter-se desenvolvido no seu espirito, de cuidar mais em produzir muitas telas do que em arrancar ao seu pincel uma ou duas de que aliás é tão capaz — e que não sejam apenas meras manchas de paizagem, talvez que economicamente realise um bom negocio, mas a Arte portugueza terá todos os motivos para chorar a estolação de mais um grande talento...

Depois, o que mais me irrita — perdoem o verbo — no caso presente é que Silva Porto nem mesmo pôde, para não fazer um ou dois verdadeiros quadros de cunho, allegar a razão tão plausivel sempre, quando fundamentada, de que não os venderia, — poisque, felizmente para elle, é dos que vendem tudo. Parece, porém, que não se preoccupa com isso, e que lhe basta

a consciencia de haver pintado exacto o trecho de verdura que o seu olhar surpreheendeu n'algum recanto da natureza.

Ora eu bem sei que mesmo n'uma tela microscopica pôde palpar delusbrante e vivo o genio de um artista. Já tive o prazer de admirar Teniers autenticos e Meissonniers originaes, para comprehender que não são os kilometros de tela que insufflam ao pintor o talento que elle porventura não tiver; mas — Santo Deus que me ouvis — não me parece que o proprio Silva Porto esteja convencido de que é arte pura tudo quanto nos deu nos seus quinze quadros, e que todos elles constituem, pelo simples facta de haverem saído do seu pincel, outras tantas obras primas.

Alguns já confessei com alvoroço que o são, mas sobre outros ha de me permitir que tenha... a sua propria opinião.

Tambem não ignoro que a nenhum artista, nem ao maior, nem ao mais genial, se pôde pedir a factura das alludidas obras primas, com a mesma facilidade com que se pede um copo de agua; comtudo o que eu julgo um dever de todo o artista verdadeiro e completamente digno d'este nome, é não deixar sair produção alguma do seu espirito para a livre atmosphera da critica, sem que elle proprio esteja, pelo menos no instante psychico em que a concebeu, religiosamente convencido de que poz n'esta produção todo o seu calor, toda a sua consciencia, n'uma palavra toda a somma de verdade que julgou haver surprehendido á natureza e que tentou fixar pela arte.

Tudo o que não seja isto pôde lisonjeiar os gostos simples ou as exigencias ingenuas das multidões ou das confrarias, mas no fundo não determina um progresso, não marca uma data e sobretudo não accentua nem consagra um talento.

Se Silva Porto entender que estas linhas se não referem á sua individualidade intellectual, e que realmente tudo o que n'estes ultimos tempos nos tem dado é a expressão integral e conscienciosa, não só do que sabe como mestre, mas do que sente como artista — então, com pezar o declaro, fui eu que vendo alguns dos seus bellos e individuaes quadros de outros tempos supuz que um talento do seu feitiço tinha como primeiro factor, como elemento natural, a facultade insita de ser progressivo, de ser fresco e de ser creador, tal a propria Vida de que elle é uma das expressões, e n'esse caso resta-me confessar que me enganei.

Sómente, como desconfio que a não ser a culpa de Silva Porto, porventura o será do *meio* e até — quem sabe? — do proprio clima, do proprio ar, atrevo-me a lembrar aos jovens artistas, alguns dos quaes n'este momento acabam de nos mostrar as primicias do seu talento, e todos elles tão cheios de nobres qualidades de intelligencia, tão ricamente dotados pela natureza e tão intensamente absorvidos pela arte, como Jayme Verde e Salgado, na pintura, como Thomás Costa e Teixeira Lopes, na escultura, que se deixem ficar por lá, n'esses paizes privilegiados e felizes, onde a lucta pela existencia tem ao menos isto de fecundante e de util: não deixar adormecer dentro de nós as facultades luminosas do espirito, a caprichosa mola da vontade, e o instinctivo e mordente desejo de ascender, ascender sempre...

Aqui, meus amigos, é o que vêem. Vem uma bella organização como Silva Porto, e as lições que o solicitam, e a previsão de que os pequenos quadros são mais vendaveis que os grandes, e a atonia lenta de quem não vê quem lhe seja superior ou o critique, e mil e uma outras causas todas ellas tanto ou mais deprimentes do que estas, acabam por reduzir-á á craveira mais ou menos attingivel do numero, e ás duas por três emparceirar-n'a com as simples intelligencias mediocreas, a ponto de só com difficuldade vir mais tarde a conhecer-se no artista crystallizado de então — o bello organismo vivo do passado...

Palavra de honra que chego a ter receio de que Silva Porto d'aqui a alguns annos, se não sacode os seus ricos nervos, venha a entrar n'esta categoria a que chamarei a dos aposentados da gloria, e que identifica apprehensões me causam os sympathicos rapazes que agora principiam a chegar...

Seja, porém, como os Fados quizerem, e já agora voltemos á exposição.

R-MAL.

Se destruídes o direito de propriedade, o trabalho será substituído pelo ocio, a actividade pela inercia, o estímulo pela indiferença; a terra ficará inculta, as artes em abandono, a industria sem alento, o commercio sem effeitos.